

## **OS PROFETAS DE ISRAEL E INÁCIO DE LOYOLA - PISTAS PARA UM MODO INACIANO DE FAZER TEOLOGIA -**

*Jaldemir Vitório SJ*

**RESUMO:** A espiritualidade inaciana, condensada nos Exercícios Espirituais de Santo Inácio, possibilita a produção de uma teologia profético-espiritual. O profetismo inaciano sintoniza-se com a grande tradição dos profetas bíblicos e seu modo peculiar de fazer e explicitar a experiência de Deus. A espiritualidade inaciana reflete-se na produção teológica de quem a assumiu como pauta de vida cristã. A teologia é produzida a partir do centramento em Deus, permitindo ao teólogo contemplar a realidade com o olhar de Deus. Livre diante das criaturas e atento aos anseios dos empobrecidos, o teólogo estará em condições de julgar a realidade a partir do projeto de Deus. A consciência de ser chamado para o serviço do povo leva-o a ser otimista em relação à humanidade. A teologia se faz como discernimento espiritual da história.

**PALAVRAS-CHAVE:** Exercícios Espirituais inacianos, Profetas bíblicos, Discernimento, História, Pobres.

**ABSTRACT:** Condensed in the Spiritual Exercises of Saint Ignatius, Ignatian spirituality fosters the production of a prophetic-spiritual theology. Ignatian prophetism gets on with the great tradition of biblical prophets and their peculiar way of having and explaining the experience of God. Ignatian spirituality is expressed on the theological production of the one who assumes it as program of Christian life. Theology is done from the perspective of God's centrality allowing the theologian to contemplate reality with God's eyes. Freed from creatures and paying attention to the poor's needs the theologian will always be able to judge reality from God's project. His/her conscience of being called to serve his/her people transforms the

theologian into an optimistic about humanity. Theology is done as a spiritual discernment on history.

**KEY-WORDS:** Ignatian Spiritual Exercises, Biblical Prophets, Discernment, History, Poor.

A espiritualidade inaciana, mormente a extraída dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola (EE), aponta para a postura de quem tem a pretensão de fazer teologia com inspiração inaciana. Não existe uma teologia inaciana. Teologia é teologia sem adjetivos! Entretanto, por trás de cada teologia, existem posturas históricas, religiosas, eclesiais e, até mesmo, teológicas bem precisas. Quem se diz herdeiro da tradição inaciana de espiritualidade e se propõe a ser teólogo<sup>1</sup>, encontra nos EE indicações preciosas quanto ao modo de proceder no processo de produzir teologia.

A vertebração da espiritualidade inaciana, embora situada no tempo e com peculiaridades lingüísticas, encontra paralelos na tradição profético-bíblica<sup>2</sup>. A confluência da tradição profética com a espiritualidade inaciana constitui-se num rico filão de inspiração para o fazer teológico com características inacianas. A referência à tradição profética, como também à tradição evangélica, dá respaldo bíblico ao modo inaciano de fazer teologia e o insere numa dinâmica histórica de larga envergadura, impedindo-o de ser tachado como modismo, prática de um grupo fechado, atividade acadêmica sem projeção para além de si mesma.

O adjetivo inaciano é importante. Seria inconveniente falar em modo jesuítico de fazer teologia. Neste caso, limitar-se-ia aos membros da Companhia de Jesus. O vocábulo inaciano abre para toda e qualquer pessoa

---

<sup>1</sup> As inúmeras ocorrências dos vocábulos “teólogo” e “teólogos” abarcam sempre teólogos e teólogas. Afinal, não poucas mulheres são versadas na espiritualidade inaciana, elegeram-na como forma de viver o projeto cristão e a difundem de tantas maneiras, mas, também, são tocadas pela espiritualidade profética, que faz delas precursoras do mundo ansioso por Deus. A vocação de teólogo-profeta nasce da vivência entranhada da fé, que leva a ver Deus em tudo e tudo em Deus e a anunciar o projeto divino de salvação, bem como, a denunciar as incompatibilidades da realidade humana com os anseios divinos. Esta é a experiência decisiva para a configuração da personalidade do teólogo, aqui apresentada.

<sup>2</sup> W. PETERS considera que “em qualquer exame da vida de Inácio, parece muito difícil descobrir traços do verdadeiro profeta”, entendido como “um pregador de perdição e tristeza, que anunciasse desastres futuros”. Todavia, é verdadeiro profeta enquanto “ergue-se no início da nova idade moderna, que mais e mais vai relegando Deus para a periferia do universo e da existência do homem”. Ele “leu os sinais do seu tempo e do tempo futuro”. Ou seja, não foi “um homem a agitar um dedo acusador sobre o passado e o presente, enquanto vai remando continuamente para o futuro” (“Santo Inácio de Loyola como profeta”, *Concilium* (ed. bras.) n° 7 (1968) 25-39).

com acesso à espiritualidade inaciana, independentemente da condição eclesial, a possibilidade de fazer teologia, a partir de um padrão comum.

Estabelecer as correlações da espiritualidade inaciana com a tradição bíblica revela-lhe a longa envergadura e a amplidão de horizontes<sup>3</sup>. A leitura atenta dos textos proféticos da Bíblia paralelamente ao dos EE de Santo Inácio revela pontos de contatos inspiradores para uma prática de fazer teológico com dimensão espiritual e profética<sup>4</sup>. O caminho a ser percorrido partirá do fenômeno profético-bíblico, cujos eixos teológicos de articulação serão evidenciados. Em seguida, tendo como base os EE, será mostrado como Inácio de Loyola, de modo peculiar, deu a seu projeto de espiritualidade uma imitação semelhante à dos profetas bíblicos. Este referencial permitirá intuir as pistas do fazer teológico inaciano.

## ***1. Centrar-se em Deus para ver a realidade com os olhos de Deus***

O profetismo bíblico decorre de uma experiência radical de Deus, vivida como abertura à Palavra divina e fidelidade às exigências dela decorrentes. A expressão “homem de Deus” (1Sm 2,27; 9,6; 1Rs 13,1; 17,18; 2Rs 4,7; Dt 33,1) define bem os profetas, enquanto místicos, apontando para o centramento de suas vidas em Deus. A “ex-centricidade” dos profetas permite-lhes contemplar a realidade sob uma ótica particular, para além das visões estreitas, motivadas pelo egocentrismo míope e sem entranhas de misericórdia<sup>5</sup>.

Os textos bíblicos estão permeados de indícios literários do centramento dos profetas em Deus:

a) O principal gênero literário profético – o oráculo – tem como pressuposto a sintonia do profeta com Deus. A fórmula de mensageiro, expressão estereotipada para introduzir os oráculos, supõe o profeta em estreita comunhão com Deus. Ao ouvir a proclamação – “Assim fala Javé” –, o ouvinte

<sup>3</sup> Cf. J. VITÓRIO, “Espiritualidade profética e Exercícios Espirituais”, *Itaici – Revista de Espiritualidade Inaciana* n° 10 (1992) 53-67.

<sup>4</sup> “Entre Bíblia e Exercícios não existem somente, nem principalmente, contatos *materiais*. O que conta mais, e é de importância decisiva, é o isomorfismo *formal* do itinerário” (F.R. DE GASPERIS, *Esercizi spirituali per immersi nell'itinerario della fede biblica*, Centrum Ignatianum Spiritualitatis: Roma, 1984, 16-17; ID., *Bibbia ed Esercizi spirituali*. La Bibbia negli Esercizi spirituali e gli Esercizi spirituali nella Bibbia, Roma: Borla, 1982, 27-29).

<sup>5</sup> D. ALEIXANDRE define o profeta como “um homem *alterado*” por ter sido “alcançado por Deus” (cf. “Profetas alcanzados y ‘alterados’ por Dios”, *Sal Terrae* 78 (1990) 93-106).

reconhece-se diante de alguém com a pretensão de ter penetrado no pensamento de Deus e bastante ousado para dizer, com autoridade, a mensagem divina.

O oráculo, formulado em primeira pessoa do singular, de certa forma, estabelece uma comunhão dialógica entre a personalidade do profeta e a de Javé. O conteúdo do oráculo é da responsabilidade de Javé. Entretanto, é impossível o profeta descomprometer-se com o que diz, pois o testemunho de vida dá credibilidade às palavras. Se falar de maneira inconseqüente, pouco se importando com a veracidade do falar, incontinenti, cairá no descrédito. Pelo contrário, a história lhe dará razão ao perceber o oráculo fluindo do coração de Deus, falando pelo profeta.

O apodo “boca de Deus” (Is 58,14; 59,21; Jr 23,16; cf. 18,17), aplicado aos profetas, sintetiza-lhes bem a excentricidade. A semântica do vocábulo “boca” abarca todo o ser do profeta. O profeta torna-se todo “boca”. Deus assume-o inteiro e ele se coloca com total liberdade e generosidade em suas mãos, qual instrumento dócil. Assim, dar ouvido ao profeta verdadeiro corresponde a se pôr à escuta de Deus.

b) Os projetos de Deus prevalecem sobre os projetos pessoais dos profetas. De maneira espontânea, são acolhidos, internalizados e transformados em projetos pessoais. Os profetas superaram a tentação do voluntarismo, pois, sempre e em tudo, se deixavam guiar pelas orientações divinas. Amós abandona a profissão de vaqueiro e cultivador de sicômoros e vai denunciar a injustiça no Reino de Israel (Am 7,14-15). O impulso para falar em nome de Deus é irresistível, como o impacto diante do rugir de um leão (Am 3,8). Oséias casa-se com uma mulher dada à prostituição, contrariando sentimentos íntimos, por se sentir impelido por Deus (Os 1,2-9). E, após o fracasso nas relações conjugais, retoma a esposa, obediente à ordem divina (Os 3,1). Isto lhe revolucionou a vida, permitindo-lhe perceber como Javé amava Israel, o povo predileto. Miquéias sentia-se cheio do “espírito de Javé”, força (*ruah*) dinâmica movendo-o à ação (Mq 3,8). A vida do profeta Jeremias foi toda plasmada pelo querer divino, como se fora seduzido, sem se dar conta do real significado de acolher o projeto de Deus (Jr 20,7). Sem a precedência do projeto de Deus sobre os projetos pessoais, a ação dos profetas estaria inviabilizada.

c) O imperativo divino é tão forte na vida dos profetas a ponto de nada os deter no cumprimento da missão recebida. O vocábulo “medo” inexistente no léxico profético. A fonte da intrepidez encontra-se em Deus, a quem presta total fidelidade. Amós não temeu proclamar, nos arredores do santuário de Betel, oráculos fortíssimos contra o rei, mesmo censurado pelo sacerdote encarregado do culto real (Am 7,12-13.16-17). A indiferença do rei não demoveu Isaías da tarefa de lhe anunciar a orientação divina (Is 7,10-17). Miquéias falou com dureza contra a liderança do tempo, mesmo correndo o risco de retaliações (Mq 3,1-3). Maquinações e ameaças de morte jamais

intimidaram o profeta Jeremias (Jr 11,21; 18,18; 26,8-9.11), nem mesmo torturas (Jr 20,1-3), calúnias (Jr 37,13-14) e prisão (Jr 37,15; 38,6)<sup>6</sup>.

O Deus, centro da vida do profeta, não é criado à sua imagem e semelhança. É o Deus da fé do povo. O Deus dos patriarcas (Is 51,2); o Deus libertador da escravidão egípcia (Mq 6,4; Os 11,1); o Deus da Aliança (Am 3,2). O Deus a conduzir o povo na longa marcha pelo deserto (Am 2,10; Is 48,21). O Deus dos profetas é o Deus da história (Os 11; Am 1,3-2,16; Is 5,1-7), não uma idéia abstrata ou um conceito. Todavia, não é um Deus redutível à história, por ser totalmente Outro, três vezes Santo (Is 6,3), o Criador (Am 4,13; 5,8; 9,5-6), cujo nome é excelso (Is 12,4). Tem senhorio universal, para além dos limites geográficos de Israel<sup>7</sup>. A íntima relação com o povo e a história não ofusca a transcendência divina (Mq 6,1-8).

Na base dos EE de Santo Inácio está uma sólida experiência pessoal de Deus. Não um Deus inventado, mas experimentado na história como amor misericordioso e compassivo, com um projeto de salvação para a humanidade. Os EE levam a unificar e purificar a imagem de Deus, como caminho para uma verdadeira comunhão com o Transcendente. Este dado prévio, a ser consolidado ao longo dos EE em vista de possibilitar a interpretação da própria vida e da história sob o prisma de Deus, dispõe o exercitante para assumir posturas proféticas, na contramão do egoísmo. A imagem de Deus – teologia – brotada do coração será aderente ao modo profético de pensar Deus e explicitar a fé na vida.

Os EE não têm como público-alvo pessoas em busca de Deus, no sentido de descobri-lo e passar da incredulidade à fé. Inácio põe em xeque a capacidade de os “rudes ou de pouca resistência”, pessoas “iletradas”, “de pouca disposição ou capacidade natural” fazerem os EE com proveito (EE 18), por não estarem bastante centrados em Deus, não tendo atingido a “ex-centricidade” necessária para se entregar, de coração, a Deus. Será preciso uma caminhada prévia, antes de fazer os EE, de forma que os passos da espiritualidade desemboquem na disposição de ver Deus em tudo e tudo em Deus, numa confluência da ótica do exercitante com a ótica divina<sup>8</sup>.

O “proveito” principal a ser tirado dos EE consiste no descentramento do próprio eu, para se centrar em Deus. Para atingir este objetivo, o exercitante é instado a “tirar de si todas as afeições desordenadas” (EE 1), e chegar “ao contrário daquilo a que se vê mal inclinado” (EE 16). Ou seja, “libertar-se

<sup>6</sup> Cf. R. DE SIVATTE, “Persecución y muerte violenta de los profetas de Israel”, *Revista Latinoamericana de Teología* 16 (1999) 257-276.

<sup>7</sup> Os oráculos contra as nações, presentes em quase todos os profetas bíblicos, supõem o senhorio universal do Deus de Israel. O baalismo cananeu pensava a divindade ligada a um lugar geográfico bem preciso.

<sup>8</sup> Este é o escopo da Contemplação para alcançar amor (EE 230-237).

de seu amor-próprio, vontade e interesse” (EE 189) e fazer-se “pronto e diligente para cumprir Sua Santíssima vontade” (EE 91). Este é o ápice do auto-descentramento. A “oblação de maior valor e maior importância” (EE 97), o pedir para ser aceito na bandeira de Cristo (EE 147), a indiferença requerida na eleição (EE 168), o “Tomai, Senhor” (EE 234) são factíveis sob a condição de o exercitante ter a vida o máximo centrada em Deus.

A 5ª anotação descreve as condições de possibilidade da mudança de eixo da existência do exercitante. Inácio fala em entrar nos EE “com grande ânimo e liberalidade para com seu Criador e Senhor, oferecendo-lhe todo o seu querer e liberdade, para que a Divina Majestade, conforme sua vontade santíssima, se sirva de sua pessoa e de tudo o que possui” (EE 5). Os projetos pessoais serão, então, relativizados e o “serviço divino” despontará como imperativo irrecusável (EE 46; 97; 155). Um serviço sempre “maior” (EE 183), impulsionado pelo “magis” (EE 9; 97; 168; 315).

A teologia feita em moldes inacianos, como toda boa teologia, flui do centramento em Deus, como experiência fundamental do teólogo<sup>9</sup>. O discurso teológico consiste, em última análise, na sistematização de uma vivência particular da fé. Falar de Deus sem o embasamento da fé vivida será discurso das ciências da religião, jamais discurso teológico. A pretensão de fazer teologia repetindo discursos alheios, mesmo de grande qualidade, não caracteriza alguém como teólogo. No máximo, como professor de teologia. Quanto mais intenso o centramento em Deus, tanto maior a possibilidade de se produzir discursos teológicos pertinentes.

O discurso teológico, nas suas entrelinhas, descreve a ação de Deus no coração humano e a resposta humana aos apelos divinos. O ponto de vista da fé permite ao teólogo falar de Deus, em contexto histórico, porém, a partir de Deus, por contemplar a realidade com os olhos de Deus. O mergulhar-se no Transcendente, de modo algum, priva o teólogo das idiosincrasias. O fato de conservar as peculiaridades humanas capacita-o para falar de Deus com linguagem inteligível, de modo a iluminar a vivência da fé dos ouvintes e leitores, estimulando-os a também se centrarem, de cheio, em Deus.

Esse ponto de partida sintoniza o teólogo de inspiração inaciana com os profetas de Israel e com a dinâmica espiritual dos EE. Fala do Deus conhecido pessoalmente, não de uma idéia abstrata ou de um Deus conhecido de “ouvir dizer”<sup>10</sup>. Sua teologia articula-se como diálogo continuado com o Deus da fé, no ato de dirigir-lhe a Palavra com urgência de resposta. O teólogo será um “ouvinte da Palavra” por excelência, atento e obediente ao querer divino.

---

<sup>9</sup> Os evangelhos reportam o centramento em Deus como experiência fundamental na vida de Jesus (cf. Jo 4,34; 10,30). É o patamar a partir do qual vive e ensina.

<sup>10</sup> Cf. Jó 41,5.

Por outro lado, como os profetas e Inácio, o teólogo recorrerá à linguagem simbólico-metafórica, a mais adequada para se falar de Deus. Reconhecerá a inconveniência da linguagem definitória, tendente a reduzir a realidade a conceitos abstratos, decodificáveis pela razão. Antes, recorrerá a um tipo de linguagem aberta, acessível a qualquer pessoa de boa-vontade, que a compreenderá a partir do engajamento efetivo na história.

## ***2. Liberdade diante das criaturas, de modo a garantir o senso crítico***

O centramento em Deus é penhor de liberdade para os profetas de Israel. Permite-lhes tomar distância, até mesmo, das tradições e instituições mais veneráveis do povo, quando se tornam valor em si mesmas, incapazes de estimular a fidelidade a Deus. A liberdade profética decorre da fé. Longe deles as posturas ideológicas ou o compromisso com qualquer instituição<sup>11</sup>.

Amós relativizou a tradição da eleição, quando se tornou inócua, ao falar da proteção de Javé oferecida a outros povos, até mesmo os inimigos de Israel (Am 9,7). Ironizou o povo convencido de ser “a primeira das nações” (Am 6,1). Era ridículo considerar-se privilegiado em relação aos outros povos, quando campeava a injustiça em Israel.

Miquéias escandalizou os contemporâneos ao anunciar a destruição do templo de Jerusalém (Mq 3,12). A pregação soou como blasfêmia: Deus haveria de permitir a destruição de própria habitação, lugar escolhido por ele para estar no meio do povo? Jeremias levou adiante o tema de Miquéias, insistindo na destruição do templo, como castigo pelas injustiças cometidas (Jr 7,1-12). Diferente de Miquéias, o profeta de Anatot sofreu horrores por causa de suas palavras. Foi até mesmo condenado à morte (Jr 26,8-9)<sup>12</sup>. Isaías e Amós levantaram-se contra o culto reduzido a mera exterioridade (Is 2,10-17; Am 5,21-24). Poderia Deus agradar-se com algo assim? O Trito-Isaías denunciou o jejum desconectado da misericórdia e da justiça (Is 58,3-12).

Os profetas recusaram-se a se dobrar diante das criaturas tornadas fins em si mesmas, sem força motivadora para a comunhão com Deus. Pouco lhes importava serem veneráveis e estimadas pelas castas religiosas! As criatu-

---

<sup>11</sup> “O discurso profético rechaça a domesticação do processo histórico” (W. BRUEGGEMANN, “La palabra profética de Dios en la historia”, *Selecciones de Teología* 35 (1996) 261).

<sup>12</sup> As acusações levantadas contra o profeta Jesus, no contexto do processo que o levou à morte de cruz, centraram-se no tema da destruição do templo, como acontecera com Jeremias (cf. Mc 14,58; Mt 26,61; At 6,14).

ras são mediações na relação do ser humano com Deus. Desprovidas desta característica, tornam-se objeto de censura, mesmo sendo instituições religiosas de grande prestígio<sup>13</sup>.

Os EE propiciam ao exercitante uma experiência de liberdade radical: libertação da liberdade. O jargão inaciano designa-a com o vocábulo “indiferença”. Inácio admoesta ao exercitante ser “necessário fazer-nos indiferentes” (EE 23). Equivoca-se quem identifica indiferença com apatia, alienação ou falta de compromisso. Ser indiferente “é desejar e escolher somente o que mais nos conduz ao fim para que somos criados” (EE 23). Temos, assim, uma valorização teleológica das criaturas, focando na meta da existência humana. Resultado: em relação a toda e qualquer criatura, “o ser humano há de usar delas tanto quanto o ajudam para seu fim, e há de desembaraçar-se delas tanto quanto o impedem para o mesmo fim” (EE 23). Esta criteriologia voltará na meditação do Reino (EE 98), na meditação de três classes de homens (EE 155) e na consideração sobre os três graus de humildade (EE 167).

Todo teólogo é desafiado a garantir a liberdade e a independência, mesmo no caso de uma explícita pertença eclesial, por estar, em primeiro lugar e em definitivo, a serviço da Palavra de Deus. O serviço à instituição subordina-se a esse serviço de referência. Não pode furtar-se a explicitar o desígnio divino em relação às instituições com as quais se relaciona, até mesmo em se tratando de apontar-lhe caminhos, em caso de infidelidade.

Portanto, o teólogo inspirado na tradição profético-bíblica e orientado pela espiritualidade inaciana jamais produzirá teologia por encomenda, nem priorizará o serviço a qualquer instituição, submetendo-se sem senso crítico a seus ditames. O norte da reflexão será sempre Deus e o querer divino. Tudo mais terá aí seu ponto de partida e de chegada.

A liberdade, decorrente da fé, impede o teólogo de descambar para a irresponsabilidade e a leviandade. Embora correndo o risco de ser acusado de ideologia, tem a nítida consciência do compromisso com Deus, jamais com uma idéia, própria ou alheia<sup>14</sup>.

O conflito com as instituições religiosas, de modo particular, quando denunciadas por conduta incompatível com o querer de Deus, será inevitá-

---

<sup>13</sup> “Não é o culto a Deus em si que está sendo rejeitado, mas toda a ideologia que usa o culto para encobrir interesses de poder, interesses ideológicos e até interesses econômicos ou religiosos” (R.J. BLANK, “O Deus que desafia seu próprio culto”, *Revista de Cultura Teológica* 10 (2002) 47). Algo semelhante pode ser dito das demais instituições objeto da denúncia profética.

<sup>14</sup> A liberdade de Jesus diante das instituições levou-o a ser questionado a respeito da autoridade com que falava (Mc 11,28; Mt 21,23; Lc 20,2). Se tivesse sido subserviente, com certeza, a liderança religiosa jamais teria suspeitado da origem divina de suas palavras.

vel. Que fazer? Romper com a instituição? Submeter-se com espírito servil? Levar adiante a postura crítica, pautando-se pelo discernimento feito diante de Deus? A história das instituições religiosas, sejam quais forem, oferecem inumeráveis situações ilustrativas de perseguições de quem fala na contramão do discurso institucional. Os teólogos autênticos, a quem a história sempre deu razão, colocaram a fidelidade ao Deus da fé acima de qualquer outra fidelidade.

Será sempre possível suspeitar da possibilidade de o teólogo equivocarse. De fato, esta eventualidade jamais poderá ser descartada. Daí a urgência de estar em contínuo diálogo com outros teólogos, também preocupados em discernir a Palavra de Deus na história. Ao se ver caminhando na contramão, inclusive daqueles a quem reconhece estarem fazendo um caminho sincero de escuta da Palavra, terá sérios motivos para se auto-questionar.

### ***3. Sintonia com a história e a realidade do povo, destinatários da Palavra de Deus***

A história é o *locus* da “excentricidade” do profeta, onde faz a experiência de Deus, abrindo o coração para os apelos e inspirações divinos. O culto e o templo, privilegiados no encontro com Deus, são irrelevantes<sup>15</sup>. Por serem homens de Deus, dão-se conta da inconveniência de buscá-lo onde seres humanos controlam-lhe a presença. Deus revela a verdadeira face nos desvãos da história. Quanto mais conturbada a história, tanto mais complicado encontrar Deus nela. A percepção atenta e engajada dos sinais dos tempos permite ao profeta captar a presença de Deus. História, aqui, entende-se tanto na dimensão sincrônica (o aqui e agora) quanto na dimensão diacrônica (a totalidade do tempo). O olhar profético volta-se para o passado, onde estão as chaves hermenêuticas do presente – eleição e aliança. A luz obtida do passado ilumina o presente e permite-lhe criticá-lo, denunciando as injustiças e apelando para a fidelidade ao projeto de Deus, em vista do futuro. O pensamento profético inter-relaciona muito bem as três dimensões do tempo, a ponto de uma não se entender sem a outra.

O capítulo 11 de Oséias é um bom exemplo desta consciência de inserção na dinâmica da história. Basta examinar os tempos verbais, as referências geográficas, as metáforas e a temática nele presentes para se dar conta da

---

<sup>15</sup> “Os profetas quiseram preencher o fosso que separa o domínio do sagrado daquele do profano. Não colocaram Deus num espaço reservado, mas no próprio coração da vida humana. Assim, criaram uma teologia não apenas nova, mas também subversiva: um tal pensamento abalava os fundamentos da ordem social e religiosa estabelecida” (J. VERMEYLEN, “Les prophètes de la conversion face aux traditions sacrales de l’Israël ancien”, *Revue Théologique de Louvain* 9 (1978) 29).

denúncia da atual infidelidade do povo, apelando para o passado de amor fiel de Deus e de obstinação do povo, em vista de trazê-lo à fidelidade. A consciência profética não resulta de reflexões abstratas. A vida matrimonial desastrosa de Oséias (Os 1-3) serviu-lhe de metáfora para compreender o sentido da história de Israel, desde os albores. O capítulo 5 de Isaías é também uma expressão poético-metafórica do conjunto da história de Israel. O início é comparado ao processo de preparação do solo para o plantio de uma vinha. O passar do tempo identifica-se com a longa e paciente espera de produzir frutos. O momento atual corresponde à destruição da vinha estéril. O capítulo 16 de Ezequiel, com crua linguagem metafórica, percorre a história de Israel. A descrição do destino de uma criança abandonada logo ao nascer, sobrevivendo pelo desvelo de um transeunte, e a atual ingratidão para com o benfeitor, expressa a consciência do profeta em relação a Israel.

Inácio, nos EE, propõe ao exercitante contínuos mergulhos na história. Isto se dá com a ajuda de quem propõe os EE. “A pessoa que propõe à outra o modo e a ordem de meditar ou contemplar deve narrar fielmente a história da respectiva contemplação ou meditação” (EE 2; cf. 102; 111 etc.). É preciso entrar no “sentido da história” (EE 2) de maneira existencial e não puramente intelectual-abstrata. História, neste caso, refere-se à História Sagrada. Todavia, a volta à História Sagrada é pretexto para o exercitante mergulhar na história da humanidade e na própria história. Seria irrelevante para os propósitos dos EE confrontar o exercitante com o passado bíblico, descurando o desafio premente de se confrontar com a história pessoal e a história da humanidade, onde a salvação acontece. Inácio teve o dom de articular um projeto espiritual onde o perigo da alienação fosse inexistente. Em outras palavras, onde o caminho proposto resultasse em descompromisso com a sofrida realidade dos seres humanos.

O mergulho na História Sagrada, em conexão com a história da humanidade, deve ser proveitoso para o exercitante. Após fazer o percurso indicado nos EE, o exercitante é instado a “refletir sobre si mesmo para tirar algum proveito” (cf. EE 114). A oração em forma de “aplicação dos sentidos” (EE 121-125) torna-se, em última análise, um exercício de inserção profunda na história, pelo fato de o passado dos fatos contemplados confluir com o presente da vida do exercitante.

Os exercícios propostos na primeira semana correspondem à meditação do pecado considerado numa perspectiva histórica. O “primeiro pecado” foi o dos anjos (EE 50), seguido pelo de Adão e Eva (EE 51) e o “terceiro pecado” que é o da humanidade e, por conseguinte, o do exercitante – “... os que cometi” (EE 52). A meditação do pecado é concluída pelo colóquio com o Cristo Crucificado, onde a consideração do percurso quenótico-histórico de Jesus Cristo – “... de Criador, veio a fazer-se homem, da vida eterna chegou à morte temporal e assim veio a morrer por meus pecados”

– leva o exercitante a reconsiderar seu percurso histórico numa perspectiva cristológica, partindo de três questões fundamentais – “o que tenho feito por Cristo, o que faço por Cristo e o que devo fazer por Cristo?” (EE 53).

A segunda, terceira e quarta semanas dos EE caracterizam-se pelo confronto da história do exercitante com a história de Jesus Cristo, cuja ressurreição também é história (EE 219). Os pontos referentes aos “mistérios da vida de Cristo Nosso Senhor” (EE 261-312) são uma pedagogia de inserção paulatina na história da salvação realizada por Jesus, também a presente e a futura. Nesse processo gradual, o exercitante trilha as veredas da imitação de Cristo, para além de um superficial “querer e desejar”. Os EE são efetivos se propiciarem ao exercitante fazer a história pessoal encaixar-se na história de Jesus Cristo e, por esse viés, na história da humanidade.

A *contemplatio ad amorem* (EE 230-237) deve ser também entendida nesta perspectiva de inserção na história. Isto aparece já no segundo preâmbulo – “pedir gradativo conhecimento interno de tantos bens recebidos, para que eu, reconhecendo-os inteiramente, possa em tudo amar e servir à sua Divina Majestade” (EE 233). O passado aparece em forma de retomada do dom do Senhor ao longo da vida do exercitante (EE 234). O presente, em forma de consciência do amor de Deus no momento atual. O futuro, como projeto de viver para, em tudo, amar e servir o Senhor. O “suscipe” (EE 234) é a entrega da história nas mãos do Senhor no desejo de tê-lo como articulador de todo agir do exercitante, no final das quatro semanas de busca da vontade do Criador. “Disponde de tudo inteiramente, segundo vossa vontade” é o anseio do exercitante assumido pelo Senhor.

Inácio não cai na armadilha do individualismo. A história do exercitante insere-se num contexto eclesial. A instância eclesial conecta a história do exercitante na trama da longa história da salvação, da qual a Igreja tem como missão ser sinal. Por isso, ao se preparar para fazer eleição, o exercitante é urgido a estar seguro de que as “coisas” sobre as quais se faz eleição “sintonizem com a Santa Mãe, a Igreja hierárquica, e não sejam más nem opostas a ela” (EE 170). A intuição original das ‘regras a observar para sentir verdadeiramente, como se deve, na Igreja militante” (EE 352-270) tem como pano de fundo a pertença à Igreja, expressa, de maneira lapidar, já na primeira regra (EE 353). “Para em tudo acertar” (EE 365) é preciso estar atento ao ensinamento da Igreja. Trata-se de o exercitante não perder de vista a condição de membro de um povo, com uma face bem concreta, com o qual urge caminhar com fidelidade, se não quer correr o risco de sair dos trilhos da história da salvação. A permanência neste sulco salvífico insere o exercitante num dinamismo histórico abrangente, largo a ponto de abarcar o tempo dos profetas bíblicos.

A sintonia com a história permite ao teólogo de corte profético-inaciano dar-se ao trabalho de pensar questões deveras relevantes para a humani-

dade e o Povo de Deus<sup>16</sup>. Questões menores, modismos, abstrações teológicas ficam fora da pauta. No horizonte, desponta-lhe a problemática enfrentada pelo povo de Deus, na difícil tarefa de viver a fé com coerência. A resposta exigirá do teólogo voltar ao passado da tradição cristã e eclesial, donde haure luzes para iluminar o presente, onde a Tradição é atualizada. A resposta ficaria incompleta se o teólogo entabulasse a reflexão sem se dar ao trabalho de auscultar o passado. Grande seria o risco de o discurso teológico deixar-se levar pela tentação do modismo, mas também de se reduzir ao episódico e aleatório. A atenção à história como exigência da fé tem a força de manter o teólogo com os pés bem fincados no chão, nos passos dos profetas bíblicos<sup>17</sup>. A espiritualidade inaciana, por sua vez, a partir do evento Cristo, reforça a exigência de o cristão estar sempre atento à história, lugar de discernimento, de eleição e de ação.

A inserção na história faz o teólogo sentir na pele as conseqüências do abraçar o projeto de Deus<sup>18</sup>. Teólogos de gabinete, limitados ao diálogo com seus pares, cujos escritos conhecem e a cujas questões tentam responder, sem se darem conta das dores da humanidade e dos reptos do povo na vivência da fé, estão à margem da figura de teólogo aqui esboçada. Os teólogos comprometidos com o Reino, em contexto de acentuada contradição, onde se colocam em xeque os valores da fé, considerados empecilhos para o progresso da humanidade e anacrônicos, são chamados a dar testemunho credível da fé e sua capacidade de transformar a história pela ação dos homens e mulheres fiéis. Quando os ideais da fé são negados pela injustiça escandalosa, impermeável à misericórdia e à solidariedade, cabe-lhes formalizar um discurso onde, para além das ingenuidades e das soluções simplistas, seja apresentado Deus, que, na força da Palavra, convoca todos os seres humanos a se lançarem na construção de um mundo diferente.

A inserção na história permite ao teólogo auscultar o que Deus fala à humanidade, aqui e agora, e, mais, ser capaz de articular a Palavra, com pertinência, sem reduzir a reflexão a questões secundárias e irrelevantes<sup>19</sup>.

---

<sup>16</sup> Vale para o teólogo o caminho da encarnação referido à dinâmica da vida de Jesus. “A Palavra se fez carne e veio morar entre nós” (Jo 1,14).

<sup>17</sup> O testemunho de Jesus, apresentado no Evangelho, pode ser inspirador da prática teológica. A convivência com os pecadores e pessoas de má vida deu-lhe sensibilidade especial para falar das coisas do Pai (Lc 15,1-2). Jesus dava ares de sentir-se bem no convívio com “publicanos e pecadores”, sendo-lhe prazerosa a convivência com eles, a quem se carecia proclamar o amor do Pai (Mt 9,10-13). O chão da realidade permitia a Jesus olhar o mundo com olhar diferente: o olhar de Deus.

<sup>18</sup> Os chamados “anúncios da paixão” apontam para a percepção de Jesus do preço a ser pago pela obediência ao Pai, mas também pela liberdade diante das instituições da época (cf. Mc 8,31-33; 9,30-32; 10,32-34).

<sup>19</sup> “Não é possível ser profeta de Deus, se não se conhece verdadeiramente Deus e o mundo em que se vive. Conhecendo bem a realidade sócio-econômica, talvez se possa ser um bom sociólogo ou um bom político. Conhecendo a Deus, mas não conhecendo bem a

#### ***4. Contemplar a conjuntura mundial em todas as dimensões e submetê-la ao crivo do Projeto de Deus***

Os profetas de Israel, inseridos na tradição histórica de Israel, tinham as antenas ligadas para a conjuntura do mundo de então. A política internacional estava diante de seus olhos. Tinham consciência do jogo de forças entre as grandes potências, no intento de conquistar o poder hegemônico. A preocupação com a história de Israel não lhes estreitava os horizontes. Pelo contrário, exigia-lhes estarem atentos a tudo quanto se passava, pois a história de Deus com o povo dependia da conjuntura dos outros povos. Daí a urgência de ter consciência dos acontecimentos mundiais.

O profeta Isaías foi atento à política internacional. Quando diz a Acaz, rei de Judá, para confiar apenas em Deus – “Se não creres, não permaneceris” (Is 7,9) – e não enfrentar os exércitos da Síria e de Israel em marcha contra Jerusalém, mostra possuir uma sabedoria teológica na qual, sem dúvida, está embutida uma sabedoria política<sup>20</sup>. Por outro lado, quando aconselha o rei a não pedir socorro à Assíria, conhece bem a disposição assíria de vir-lhe em socorro, cobrando, porém, um preço muito alto, com sérios riscos para a fé do povo. Amós conhece muito bem a história dos povos vizinhos de Israel e a sorte que lhes coube por causa de seus crimes. Por isso, está em condições de alertar Israel sobre sua sorte, caso não mude de vida (Am 1,2-2,16). Naum reconhece estar próximo o fim da arrogância assíria. O profeta preliba, então, a destruição de Nínive, capital da Assíria, cujos exércitos destruíram o Reino de Israel e deportaram a população (Na 2,2-3,19). Jeremias anuncia a inutilidade de enfrentar os babilônios, pois lhes conhece a fúria conquistadora (Jr 27). O Dêutero-Isaías chama Ciro, rei da Pérsia, de “pastor” (Is 44,28) e “ungido” (Is 45,1), pois intuía a vitória sobre os babilônios e a possibilidade de permitir ao povo voltar do cativeiro.

Os EE colocam o exercitante em contato direto com a realidade, alargando-lhe os horizontes. Inácio não se contenta com parte da realidade apenas. O exercitante é instado a considerar o mundo da forma mais abrangente possível.

A contemplação introdutória da segunda semana faz o exercitante defrontar-se com Jesus Cristo, o “rei eterno”, que, tendo “o mundo inteiro diante de si”, chama “a todos e a cada um em particular”, para “conquistar o mundo todo e todos os inimigos” (EE 95). Esta visão globalizante exige do

---

realidade do próprio mundo, poderemos ser bons beatos, mas certamente não profetas” (J.L. CARAVIAS, “A experiência de Deus nos profetas”, *Itaici – Revista de Espiritualidade Inaciana* n° 25 (1996) 18).

<sup>20</sup> Cf. J. VITÓRIO, “Poder da Fé – Poder das Armas. A experiência de Isaías, de Jesus e dos cristãos”, *Convergência* 39 (2004) 212-229.

exercitante largueza de coração e de horizontes, de modo a se sintonizar, da maneira mais plena possível, com a realidade circunstante.

A contemplação da encarnação (EE 101-109) é, também, um exercício de mergulho na realidade do mundo. O exercitante é convidado a contemplar “toda a superfície plana ou curva do mundo” (EE 102) com os olhos da Trindade, com os olhos de Deus. Trata-se de se confrontar com a realidade do mundo e dos homens, alargando o olhar o máximo possível – “ver as pessoas... que estão sobre a face da terra, em tanta variedade de trajes e de costumes: uns brancos, outros negros, estes em paz, aqueles em guerra, uns chorando e outros rindo, com saúde uns e enfermos outros, outros que morrem etc.” (EE 106). Esta “primeira contemplação” (EE 101) não visa apenas a dar ao exercitante uma consciência intelectual da realidade humana. Antes, pretende lançá-lo, de forma existencial, nas tramas da história, para fazê-lo compreender não somente a encarnação de Jesus, para “salvar o gênero humano” (EE 102; cf. 107), mas também que a salvação supõe o engajamento total (encarnação) na realidade humana, enquanto tal, mormente no mundo dos que “amam e seguem” o Cristo feito homem “por mim” (EE 104).

A meditação de Duas Bandeiras situa, também, o exercitante nas tramas complexas da história, vista na globalidade. Tanto Lúcifer como Jesus Cristo enviam os seguidores “por todo o mundo”. Lúcifer ordena aos demônios “não omitir nenhuma província, lugar, estado de vida ou pessoa em particular” (EE 141). O exercitante não pode fazer vista grossa a esta realidade. Jesus, “Senhor do mundo inteiro”, envia seus apóstolos e discípulos para “difundir sua sagrada doutrina por todos os estados de vida e condições de pessoas” (EE 145).

Os EE não são, portanto, instrumento de alienação, mas de incentivo à participação na construção da história humana. Quem tende a se fechar no próprio mundo ou a reduzi-lo a horizontes estreitos não é apto para os EE. O exercitante é, em última análise, desafiado a assumir a atitude profética de ter sempre o mundo inteiro diante de si.

O olhar do teólogo inaciano está atento à conjuntura mundial. Embora reflita dentro de coordenadas bem precisas, tem consciência de estar inserido numa trama larguíssima, onde os fatos se inter-relacionam para além dos limites geográficos. Os meios de comunicação e os modernos recursos da cibernética permitem experimentar a interconexão da realidade, sem deixar nenhum lugar a dúvidas. É como se a profecia do mundo como “aldeia global” se tornasse cada vez mais realidade.

A postura do teólogo alcançada pelo caminho da espiritualidade inaciana e da inspiração profética cria nele atitudes características. Não recusa a se pronunciar sobre questões referentes a direitos e dignidade humana, independente de onde estejam sendo desrespeitados. É sempre crítico do pró-

prio país, ao percebê-lo como causa de injustiça para outros povos e nações, pelo caminho da política econômica, pela força militar ou por pressões comerciais. Busca articular a reflexão em diálogo com teólogos de outros contextos nacionais, por reconhecer neles companheiros de idêntica missão. Tem o coração aberto para o mundo e tudo quanto diz respeito à humanidade toca-o de cheio<sup>21</sup>.

A internacionalidade da tensão existencial vivida pelo teólogo inaciano exige dele ser leitor atento, não só da Palavra de Deus, mas também dos jornais, dos telejornais, das notícias *online* que, em tempo real, permitem-lhe tomar conhecimento de acontecimentos em todos os rincões do planeta. Com olhar teológico, será capaz de esquadrihar os meandros da história do mundo e captar aí os apelos de Deus. E, mais ainda, desenvolverá a sensibilidade de criar a linguagem adequada para anunciar Deus a esse mundo, de maneira credível. Afinal, a tarefa do teólogo consiste em revelar o rosto misericordioso de Deus, porém, à altura da compreensão até mesmo das pessoas mais simples.

## ***5. Consciência vocacional e missionária: a serviço do projeto de Deus***

Deus conhece o profeta na intimidade e, ao chamá-lo, confia-lhe uma missão. As circunstâncias da vocação são as mais variadas. Isaías sentiu-se chamado por ocasião de uma liturgia no templo (Is 6,19). Amós foi tomado de surpresa, em pleno trabalho (Am 7,14-15). Jeremias era muito jovem, ainda uma “criança”, quando Deus o chamou para a missão profética (Jr 1,4-7). Ezequiel recebeu o chamado quando exilado na Babilônia (Ez 1,1; 3,16-21). Embora variem as circunstâncias, em todas o profeta manifesta abertura para Deus, cuja voz ouve e a cujo apelo responde de maneira positiva.

A experiência de vocação comporta a experiência de missão. Amós sente-se impelido à atividade profética de maneira quase compulsiva – “Um leão rugiu, quem não temerá? O Senhor Deus falou, quem não profetizará?” (Am 3,8). Jeremias, num momento difícil do ministério profético, confessa ter sido “seduzido” por Deus ao receber a missão de profetizar contra seu próprio povo – “Tu me seduziste, Senhor, e eu me deixei seduzir. Agarraste-me e me dominaste!” (Jr 20,7).

Os EE propiciam ao exercitante explicitar a experiência de vocação-missão. Na contemplação do Reino, o exercitante deve “pedir a Nosso Senhor a graça de não ser surdo a seu chamamento” (EE 91). A capacidade de ouvir

---

<sup>21</sup> Jesus foi continuamente questionado em relação à origem de seu ensinamento. Não se furtava a falar o que devia ser dito, seja qual fosse a temática ou o auditório (cf. Mt 21,23; Mc 11,28; Lc 20,2).

corresponde ao “conhecimento interno do Senhor” (EE 104), graça a ser alcançada na segunda semana dos EE. A missão consiste em, com Cristo, “conquistar o mundo todo e todos os inimigos...” (EE 95), distinguindo-se “no serviço total de seu Rei eterno e Senhor universal” (EE 97), seguindo, de perto, o caminho de Jesus – “Quero e desejo, por determinação deliberada, imitar-vos... desde que isto seja para vosso maior serviço e louvor” (EE 98).

A experiência de vocação reaparece na “meditação de duas bandeiras” (EE 136-148) – “A história: será aqui como Cristo chama e quer todos sob a sua bandeira” (EE137). Cristo “escolhe muitas pessoas” e “as envia por todo o mundo”, de modo a atingirem “todos os estados de vida e condições de pessoas” (EE 145). Eles devem “ajudar a todos” (EE 146). Como? Ensinando-lhes o caminho da pobreza, do menosprezo e da humildade (EE 146).

Inácio tem consciência de a vocação-missão ser fruto da graça divina. É preciso pedir ao Senhor para “ser recebido sob a sua bandeira” e se dignar “escolher e receber” (EE 147) o exercitante. Ninguém entra na “bandeira” de Cristo por iniciativa própria. A meditação das duas bandeiras é tão importante a ponto de Inácio mandar fazê-la três vezes e repeti-la duas vezes (EE 148).

Entretanto, os EE referem-se também a uma experiência fundamental de vocação-missão – “o homem é criado para” – impressa no coração de todo ser humano. Tal experiência expressa-se em termos de “louvor, reverência e serviço a Deus” (EE 23). Estes três verbos descrevem a experiência de descentramento de si mesmo e de centramento em Deus, único caminho de salvação – “mediante isto salvar sua alma” – “fim para o qual foi criado” (EE 23). Com isto, os EE possibilitam ao exercitante fazer uma experiência de sabor tipicamente profético. Vivendo em meio à humanidade afastada de Deus e em busca da própria glorificação (autonomia); onde a idéia de serviço aos demais parece não dizer nada; quando a reverência a Deus é trocada pelas criaturas, transformadas em fetiches, ídolos... então, a atitude do exercitante caracterizar-se-á como profética. Recusando toda sorte de idolatria, como os profetas, experimentará o senhorio absoluto de Deus.

O primeiro e o segundo tempo “em que se pode fazer sã e boa eleição” (EE 175; 176) podem também nos ajudar a compreender a experiência vocacional dos profetas. As experiências de Amós (Am 7,15), Isaías (Is 6,1-8) e Jeremias (Jr 1,4-10; 20,7) podem ser enquadradas no primeiro tempo, “aquele em que Deus Nosso Senhor move e atrai a vontade de tal maneira, que, sem duvidar, nem poder duvidar, tal alma devota segue o que se lhe mostra” (EE 175). A vocação dá-se como algo irresistível. A experiência de Jeremias e de Oséias comportam elementos do segundo tempo, “aquele em que se adquire muita clareza e conhecimento através da experiência de consolações e desolações, bem como da experiência do discernimento dos vários espíritos” (EE 176). Nas “lamentações” de Jeremias, confrontamo-nos com

o profeta em crise vocacional, agitado por muitos espíritos. Jr 20,7-18 fala-nos do profeta tendo a sensação de ter sido “seduzido”, ou seja, enganado por Deus, escarnecido, zombado, caluniado, a ponto de amaldiçoar o dia do nascimento, desejando ter sido um natimorto. Todavia, sente também uma moção contrária. Confessa no versículo 9 – “Quando pensava: ‘Não me lembrarei mais dele (de Deus), já não falarei seu nome’, então sentia em meu coração como um fogo devorador encerrado em meus ossos”. Pelo fato de não ter extinguido este “fogo devorador”, moção do espírito de Deus na vida do profeta, Jeremias, apesar dos impulsos contrários, foi capaz de se manter fiel à vocação profética, mesmo quando levado à força para o Egito (Jr 43,4-7), onde seus traços se perderam. O profeta Oséias discerniu a vocação-missão em meio a profunda crise matrimonial, quando fora movido a se casar com uma mulher dada à prostituição (Os 1,2); da qual se separa e a qual leva às barras do tribunal, prometendo puni-la com severidade (Os 2,4-15); com quem deve, de novo, refazer os vínculos matrimoniais (Os 3,1). Neste turbilhão de sentimentos desencontrados, o profeta discerne a vocação-missão.

A teologia nos parâmetros proféticos e inacianos resulta de uma vocação para o serviço de Deus e da humanidade. É a resposta a um chamamento com o pressuposto de uma escuta atenta e resposta adequada, embora, como aconteceu com os profetas, deva-se ir na contramão de projetos pessoais. E, em alguns casos, sabendo estar abraçando uma missão espinhosa, consciente de corresponder ao querer do Senhor.

Na dinâmica do chamado, o teólogo torna-se seguidor de Jesus, no desejo de imitá-lo. Esta será a melhor forma de se colocar na posição adequada para falar de Deus e revelá-lo ao mundo. Transformará a tarefa de fazer teologia em serviço concreto a Jesus, no esforço de trazer a humanidade para o Pai.

A consciência vocacional-missionária, na linha profética e inaciana, dá ao teólogo uma configuração peculiar. O mister teológico não flui de iniciativa pessoal. É resposta a uma vocação<sup>22</sup>. Sendo assim, em tudo, agirá com humilde espírito de servidor. Entretanto, cuidará da qualidade da produção teológica, por consistir na colaboração pessoal para o serviço do Reino. Por outro lado, a preocupação com o querer de Deus jamais o permitirá superestimar as idéias pessoais, embora brilhantes. Importa-lhe sempre e em tudo o querer divino.

A vocação teológica pode se constituir numa experiência de apelo divino, nos moldes da vocação profética, com sua força compulsiva. É óbvio, teólogo, neste caso, não se confunde com professor de teologia nem, muito

---

<sup>22</sup> Lc 4,14-21 resume os elementos essenciais da vocação e da missão de Jesus, vistas como parte de sua consciência, desde o início do ministério na Galiléia.

menos, com compiladores de pensamentos alheios ou com “ratos de biblioteca”, devoradores de livros sem uma só idéia pessoal, incapazes de revelar Deus. Teólogo, no sentido aqui usado, é algo mais. É alguém conectado com Deus por força de uma vocação e capacitado para interpretar a história à luz da Palavra de Deus. Não lhe cabe a categoria tradicional de intelectual. Movido pelo Espírito, fala de Deus, hoje, com o vigor e a consciência dos profetas.

## ***6. A realidade do pecado na perspectiva da esperança de conversão***

O total centramento em Deus torna o profeta sensibilíssimo à realidade do pecado. Enquanto o pecado se define como se centrar em si mesmo e se descentrar de Deus, será a antítese do projeto de vida do profeta. Isto lhe possibilita detectar o pecado, mesmo onde ninguém o percebe.

O pecado fundamental, na visão profética, consistia na idolatria. Preterindo Deus em favor dos baalim cananeus, o povo acaba por escolher um falso eixo para centrar a vida<sup>23</sup>. “Eles me abandonaram, a fonte de água viva, para cavar para si cisternas, cisternas furadas que não podem reter água” (Jr 2,13), é a denúncia de Jeremias, falando em nome de Deus. O povo abandonou o Deus da Aliança, com exigências éticas, para se entregar à idolatria, abrindo brechas para o alastramento da injustiça.

Oséias mostra a loucura do povo ao abandonar o verdadeiro Senhor e se pôr ao encalço dos falsos “senhores” que o reduzirão à servidão (Os 11,2). O profeta denuncia uma espécie de tendência inata do povo para a idolatria – “Como uvas no deserto, assim encontrei Israel; como um fruto em figueira nova, assim eu vi vossos pais. Porém, logo ao chegar em Baal-Fegor, consagraram-se à Vergonha, tornando-se tão abomináveis como o objeto de seu amor” (Os 9,10). Como se sabe, Baal-Fegor foi a primeira cidade encontrada pelo povo ao terminar a travessia do deserto. Assim, na primeira oportunidade, o povo mostrou-se infiel (Nm 25,1-5). Não foram poucos os ídolos a ocuparem o coração do povo de Deus. “Porque tão numerosos como tuas cidades são os teus deuses, ó Judá! Tão numerosas como as ruas de Jerusalém são os altares que erigistes à Vergonha, altares para oferecer incenso a Baal” (Jr 11,13; cf. 2,28).

A idolatria é fonte de toda sorte de injustiças, imoralidades, violência, morte. “Não há fidelidade nem amor, nem conhecimento de Deus no país. Por isso, aumentam as maldições, as mentiras, os assassinatos, roubos e

---

<sup>23</sup> Baal significa, etimologicamente, senhor, marido e proprietário.

adultérios; os derramamentos de sangue se sucedem” (Os 4,1-2). Este fato é de fácil explicação. Quando o ser humano afasta-se de Deus – ponto justo de referência para o agir – e o substitui por referenciais idolátricos, as relações com o próximo ficam transtornadas, descambando para a injustiça. Uma situação gera a outra. Por conseguinte, atrás de toda situação de injustiça, existe uma situação de idolatria. Para superá-la é preciso voltar-se para o Deus verdadeiro, exigente na relação de justiça e misericórdia para com os irmãos (Am 5,24; Mq 6,8).

Os exercícios da primeira semana (EE 45-72) colocam, de cheio, o exercitante em confronto com a realidade do pecado, em forma de contraponto do amor de Deus descoberto no Princípio e Fundamento. O indivíduo pede que “todas as minhas intenções, ações e operações sejam ordenadas puramente ao serviço e louvor de sua Divina Majestade” (EE 46). Contudo, sabe-se marcado pela realidade do pecado, com a capacidade de distorcer a finalidade das ações, fazendo-as ordenar-se ao serviço e louvor da criatura e não do Criador. Isto outra coisa não é senão idolatria.

Inácio evoca a história, marcada pelo pecado, desde o pecado dos anjos (EE 50), passando pelo pecado de Adão e Eva (EE 51), até o pecado que perpassa a humanidade (EE 52) – o nosso pecado. O pecado faz sobrevir a corrupção ao gênero humano (EE 51), a ponto de se levantar “contra seu Criador e Senhor” (EE 52). O exercitante é instado a considerar “a fealdade e a malícia que contém em si cada pecado mortal cometido” (EE 57). Trata-se de adquirir a mesma consciência aguda do pecado, como tiveram os profetas.

Fazer os EE, hoje, significará adentrar-se na realidade do pecado não só pessoal, mas, de modo particular, quantos afetam as estruturas sociais<sup>24</sup>. A situação de injustiça institucionalizada, com todas as seqüelas de fome, morte, miséria, promiscuidade, degradação moral, marginalização social, deverá, necessariamente, despontar no horizonte do exercitante. Os EE deveriam levá-lo a responder aos desafios colocados pela situação generalizada de pecado e de injustiça.

Os profetas não estavam interessados apenas em denunciar o pecado do povo. Interessava-lhes, sim, a conversão. “Convertei-vos e vivereis”, proclama Ezequiel (Ez 18,32; cf. Is 1,16.18-19; Os 14,2-3; Jl 2,12-17; Zc 1,3). O profeta Jonas é, neste sentido, uma espécie de antiprofeta. Entristece-se por Nínive ter-se convertido, sensibilizada por sua pregação. É preciso a intervenção divina para adverti-lo com severidade (Jn 4).

---

<sup>24</sup> Cf. I. NEUZLING, “A banalização da injustiça social. A meditação sobre o pecado nos Exercícios Espirituais”, *Itaici – Revista de Espiritualidade Inaciana* nº 40 (2000) 47-58.

Os EE querem levar o exercitante à conversão<sup>25</sup>. A consciência do pecado é inútil se leva apenas ao arrependimento, ao complexo de culpa, à pura “vergonha e confusão de si mesmo” (EE 48). As meditações do pecado pretendem infundir no exercitante uma atitude positiva, expressa no colóquio diante do Cristo crucificado (EE 53). Reconhecendo-se pecador, o exercitante pergunta-se diante de Jesus pendente da cruz – “o que tenho feito por Cristo, o que faço por Cristo e o que devo fazer por Cristo?” Não se trata de três questões retóricas, mas de três questões existenciais cujas respostas evidenciarão o grau maior ou menor de conversão a Deus. O mesmo acontece no colóquio de misericórdia (EE 61). Embora se reconhecendo pecador, o exercitante é levado a agradecer a Deus pelo dom da vida, conservada até o presente, possibilitando-lhe converter-se no futuro – “fazer o propósito de com sua graça emendar-me para o futuro” (EE 61).

Entretanto, não basta a conversão pessoal. É preciso lançar-se na obra de conversão das estruturas sociais marcadas pelo pecado. A isto nos lança a “meditação de duas bandeiras” (EE 136-148).

O teólogo inaciano-profético supera a tentação do moralismo<sup>26</sup>. Sua análise do fenômeno do pecado é estritamente teológica. Pensa-o na perspectiva da relação da humanidade com Deus e o projeto divino. Tem sensibilidade suficiente para perceber onde acontece o senhorio de Deus, onde Deus é rejeitado e onde Deus é acolhido sem interioridade, forma sutil de ateísmo.

Por outro lado, é bastante perspicaz para perceber a face macabra do pecado, nos variados espectros de injustiça, empobrecimento, violência. O teólogo inaciano vai além das considerações abstratas em relação ao pecado ou das elucubrações teóricas em torno do tema do mal. Antes, reflete com os pés no chão da realidade das vítimas da injustiça e se torna capaz de explicitar o pensar divino com sua exigência de conversão.

Se o pecado individual chama-lhe a atenção, o pecado social se torna clamoroso. O teólogo inaciano conhece-lhe as raízes, sem se limitar a análises genéricas e superficiais. Vai fundo na questão, a ponto de identificar-lhe as causas, os agentes, os métodos e as vítimas. E, também, submetê-lo ao crivo da Palavra de Deus, com sua força de questionar e denunciar. A análise teológica reporta-se de maneira continuada ao projeto salvífico de Deus, revelado em Jesus Cristo, para além das normas, cânones ou preceitos institucionais. Busca-se confrontar com Deus, o único juiz, a realidade marcada pelo pecado. Cabe, ao teólogo, captar este julgamento e formulá-lo. Um teólogo de corte inaciano-profético se desincumbirá desta tarefa com certa facilidade.

---

<sup>25</sup> Cf. R. ANTONCICH, “Os Exercícios Espirituais ante o problema do mal e as exigências de conversão”, *Itaici – Revista de Espiritualidade Inaciana* n° 40 (2000) 35-43.

<sup>26</sup> Sua postura assemelha-se à de Jesus na proximidade com os pecadores e as pessoas de má-fama, com o fito de reumanizá-los (cf. Mt 9,10; Lc 15,1).

## 7. A solidariedade com os pobres

Os profetas estão a serviço de Deus e de seu projeto para a humanidade. Esta consciência fundamental dá-lhes especial sensibilidade para com os empobrecidos e marginalizados. Quando o projeto de Deus é vilipendiado, o sinal palpável da infidelidade consiste na injustiça cometida contra os mais fracos e indefesos da sociedade. A insensibilidade em relação a Deus reflete-se na insensibilidade para com os pobres. Na perspectiva contrária, a fidelidade a Deus cria sensibilidade para com os pobres. Assim, estar a serviço de Deus exige tomar partido por eles.

O testemunho profético está todo permeado de atenção pelos pobres. Amós denuncia a perversidade cometida pelos que “vendem o justo por prata e o indigente por um par de sandálias. Esmagam sobre o pó da terra a cabeça dos fracos e tornam torto o caminho dos pobres” (Am 2,6-7; 8,4-6). A vida debochada das mulheres ricas da Samaria deixa-o revoltado, pois resulta em opressão dos fracos e dos indigentes (Am 4,1). Um só é seu anseio: “Que o direito corra como a água e a justiça como um rio caudaloso!” (Am 5,24). Miquéias era consciente da situação insuportável dos pobres da época; por isso, falou duro contra “aqueles que comeram a carne de meu povo, arrancaram-lhe a pele, quebraram-lhe os ossos, cortaram-no como pedaços na panela e como carne dentro do caldeirão” (Mq 3,3). A corrupção e a venalidade contaminaram a sociedade, com prejuízo para os indefesos. “Ouvi, pois, chefes da casa de Jacó e dirigentes da casa de Israel, vós que execrais a justiça, que torceis o que é direito, vós que edificais Sião com o sangue e Jerusalém com injustiça! Seus chefes julgam por suborno, seus sacerdotes decidem por salário e seus profetas vaticinam por dinheiro” (Mq 3,9). Isaías expressa a frustração divina, pois quando esperava ver o direito implantado na sociedade, só encontrou transgressão; quando esperava justiça, defrontou-se com gritos de desespero (Is 5,7). A liderança de Jerusalém foi responsabilizada, sem lugar para dúvida. “Teus príncipes são rebeldes, companheiros de ladrões; todos são ávidos por subornos e correm atrás de presentes. Não fazem justiça ao órfão, a causa da viúva não os atinge” (Is 1,23). Jeremias convocou os concidadãos para mudar o modo de proceder, ou seja, a maneira de tratar os pobres e os indefesos. O profeta desejava que cada um praticasse o direito com o próximo e não houvesse opressão do estrangeiro, do órfão e da viúva (Jr 7,5). É impossível falar do profetismo bíblico, omitindo o tópico da preocupação pelos pobres e oprimidos<sup>27</sup>.

Os EE apresentam Jesus Cristo na condição de pobre e despojado de poder e grandeza. Assim pensado, torna-se referencial para o exercitante, instado a desejar ser como Jesus e anunciar ao mundo tal projeto de vida.

---

<sup>27</sup> “Durante os séculos da monarquia os profetas mantiveram viva a tradição de Javé como o Deus que opta pelos pobres dentro de uma sociedade controlada por uma classe dominante dependente da corte” (J. PIXLEY / C. BOFF, *Opção pelos pobres*, Petrópolis: Vozes, 1987, 61).

Jesus nasce em “extrema pobreza” e “ao cabo de tantos trabalhos, de fome, de sede, de calor e de frio, de injúrias e afrontas, vai morrer na cruz” (EE 116). A pobreza é a marca da existência de Jesus; fora da pobreza não pode ser pensada. O exercitante, por sua vez, deverá “querer e desejar imitar” Jesus “em suportar... toda a pobreza” (EE 98). Os EE, portanto, propõem um projeto de vida identificado com o dos pobres, como sinal de adesão efetiva ao projeto de Jesus. Quem não chega a esse ponto, é porque se identifica com a “bandeira” de Lúcifer com o incentivo da “cobiça das riquezas”, caminho para se chegar “a enorme soberba” e a todos os demais vícios (EE 142). Na direção contrária, Jesus propõe “a suma pobreza espiritual e não menos, se Sua Divina Majestade for servido e os quiser escolher, a pobreza atual” (EE 146.147). A forma de se livrar da armadilha de Lúcifer e atingir a “humildade perfeitíssima” e “imitar e se assemelhar mais efetivamente a Cristo Nosso Senhor” consiste em: “querer e escolher antes a pobreza com Cristo que a riqueza, opróbrios com Cristo coberto deles que honras, e preferir ser tido como néscio e louco por Cristo, que primeiro foi tido como tal, a passar por sábio e prudente neste mundo” (EE 167).

A pobreza, no âmbito dos EE, é pensada em relação ao querer divino. É uma mediação para se chegar “ao fim para que somos criados” (EE 23). Por isso, o exercitante deverá “fazer-se indiferente” quanto ao querer riqueza ou pobreza. Abraçará apenas o que mais convier a Deus. Entretanto, seja qual for o estado escolhido, no concreto da vida, o referencial será sempre Jesus Cristo pobre, do começo ao fim da caminhada. Impossível ser diferente. Se o exercitante, no final do processo, percebe corresponder ao querer de Deus um estilo de vida onde esteja em contato com os ricos e a riqueza e, afinal, deixa-se encantar por eles, terá sido infiel ao projeto de Jesus. Estando num ambiente de riqueza, terá como tarefa propor o ideal da bandeira de Jesus, contando com a previsível rejeição (EE 146). Ou seja, o contexto de riqueza será o espaço onde viverá a adesão ao Cristo pobre.

A espiritualidade inaciana propõe ao teólogo não apenas solidariedade com os pobres, mas, também, fazer-se pobre no seguimento do pobre Jesus de Nazaré. O testemunho de vida está relacionado, de forma inextricável, com o fazer teológico. O modo inaciano de fazer teologia não admite incoerências: falar de Cristo pobre, mas vivendo o projeto de vida dos ricos; falar da solidariedade divina com os pobres, sem tomar a iniciativa de aproximar-se dos pobres e sentir-lhes as agruras da vida; escrever sobre a pobreza, como caminho para se chegar a Deus, sem jamais lhe ter experimentado os efeitos.

A teologia nos moldes inacianos exige coerência de vida, cujo percurso passa pelo caminho da pobreza. Afinal, quem se sente chamado a fazer teologia, deverá ter no coração o querer e o desejo de imitar Jesus no caminho da pobreza<sup>28</sup>. Faz teologia na condição de discípulo do Jesus pobre.

---

<sup>28</sup> Cf. Fl 2,7-8.

E, mais, ao fazer teologia, coloca-se ao serviço do Rei Eterno na tarefa de anunciar ao mundo a pobreza como caminho de salvação. Por conseguinte, não tem cabimento pretender ser teólogo de corte inaciano e profético, cultivando um projeto de vida característico dos ricos e opressores.

O teólogo inaciano reconhece o desafio de se tornar indiferente diante do querer divino. Não se sentir inclinado para lugar algum, fora da vontade divina. E esta, seja qual for, é acolhida com alegria, como caminho de realização pessoal e de felicidade. De fato, não teria sentido abraçar o serviço do Senhor, dando lugar à tristeza.

Como o espírito mundano contaminou o coração de muitos auto-considerados teólogos, abraçar a pobreza por parte do teólogo inaciano exigirá caminhar na contramão de muitos companheiros, tornando-se crítico inclusive deles. Só pessoas de personalidade sólida estarão em condições de assumir o caminho do fazer teológico nos moldes da espiritualidade inaciana e profética.

## **8. O projeto divino para a humanidade: a vontade de Deus**

A pregação profética comporta uma concepção de sociedade articulada em torno do direito, da justiça, da misericórdia e da fidelidade (Mq 6,8; Is 1,17; 11,5; Os 6,6; Jr 9,23)<sup>29</sup>. Este projeto alicerça-se na experiência do Deus da Aliança. O respeito ao pacto firmado entre Deus e Israel haveria de se expressar por meio de uma rede de relações sociais equilibradas, na qual os mais fracos (pobres, órfãos, viúvas e estrangeiros) fossem objeto da proteção do rei e da sociedade (Is 1,17; Jr 5,28; 22,3; Br 6,37; Mq 3,1-3). As relações interpessoais são a mediação da relação com Deus. Se vão mal, é inútil pensar que as relações com Deus vão bem. O profeta Miquéias denuncia esta dicotomia. Os chefes e os magistrados da época cometiam injustiças, deixavam-se subornar, eram venais e, apesar disso, queriam contar com o apoio divino (Mq 3,9-12). Jeremias, de maneira sintética, define o projeto de Deus para o povo – “Se realmente melhorardes vossa conduta e vosso modo de agir, se praticardes o direito um para com o outro, se não oprimirdes o estrangeiro, o órfão e a viúva, não derramardes sangue inocente neste lugar e não correrdes atrás dos deuses estrangeiros para a vossa desgraça...” (Jr 7,5-6). Algo semelhante está em Is 58,6-7; 61,1-3; Ez 18,5-9.

---

<sup>29</sup> “O profeta não se pergunta se sua visão é realizável, porque a questão da realização carece de importância enquanto tal visão não possa ser imaginada. A *imaginação* deve preceder a *realização*” (W. BRUEGGEMANN, *La imaginación profética*, Santander: Sal Terrae, 1986, 52). Por conseguinte, os profetas foram capazes de imaginar a sociedade pela qual ansiavam.

Os EE comportam, também, um projeto histórico com perfeita aderência à dinâmica do Reino anunciado e vivido por Jesus. Este projeto tem dimensões universais – “... minha vontade é conquistar o mundo todo e todos os inimigos” (EE 95). Para se lançar na construção desse projeto é preciso agir “contra a própria sensualidade e contra o amor carnal e mundano” (EE 97), imitando o modo de proceder de Jesus (EE 97).

A meditação de Duas Bandeiras contrapõe, em forma de díptico, os eixos do projeto histórico anunciado por Jesus aos valores do projeto de Lúcifer, inimigo da humanidade. Trata-se, em última análise, da explicitação dos alicerces sobre os quais a sociedade deve ser construída – “1º pobreza em oposição à riqueza; 2º opróbrio ou menosprezo em oposição à honra mundana; 3º humildade em oposição à soberba” (EE 147). Com espírito evangélico, Inácio entrevê um mundo onde a vida humana não gire em torno do ídolo do ter, do acumular, mas do repartir, do partilhar; não gire em torno do ser, em busca de fama, de reconhecimento, de aplauso, mas sim da convivência fraterna, igualitária, gratuita; não gire em torno do poder, no qual o indivíduo pretende pôr-se no lugar de Deus, mas do humilde reconhecimento do verdadeiro lugar do ser humano diante de seu Criador e Senhor, com a conseqüente repercussão nas relações com o próximo. Uma sociedade assim será, *a fortiori*, uma sociedade onde reinam a justiça, a misericórdia, o direito e a fidelidade, como intuía os profetas. Uma sociedade “des-idolizada”! Uma sociedade onde o único Senhor é o Deus verdadeiro (SI 143,15).

A consideração sobre os “três modos de humildade” (EE 164-168) será uma explicitação dos degraus a serem galgados neste processo de busca da vivência do projeto de Deus. O terceiro modo – “humildade perfeitíssima” – consiste em “imitar e assemelhar-se” de maneira afetiva a Jesus Cristo, de modo a relacionar-se com Deus e com os irmãos como ele o fez. As três classes de homens (EE 149-157) podem ser entendidas como três posturas concretas diante da execução do projeto divino. O exercitante é instado a assumir a terceira postura na qual seu querer coincide com o querer de Deus.

O teólogo inaciano intui a existência de um projeto divino para a humanidade e se coloca a serviço deste projeto seja para apresentá-lo na produção teológica, seja para implementá-lo no engajamento sócio-político<sup>30</sup>.

A meditação de Duas Bandeiras oferece pistas para a compreensão de um projeto divino para a história. A proposição da pobreza aponta para um projeto de mundo desidolatrizado, onde as criaturas estejam no devido lugar, não assumindo o lugar do Criador. É fácil imaginar os desequilíbrios causados pela confusão de valores! A sociedade idólatra produz morte e injustiça. Portanto, a sociedade querida por Deus comporta vida e justiça. A proposição do opróbrio aponta para um projeto de mundo onde a arro-

---

<sup>30</sup> Mt 5-7, o Sermão da Montanha, resume o projeto divino para a humanidade, na visão de Jesus.

gância dos seres humanos não prevalece. Os indivíduos, em busca de honra mundana, tendem a pisar nos irmãos, por se confrontarem apenas com o próprio “eu”. O culto da personalidade e as várias formas de narcisismo deixam rastros de marginalização dos fracos, dos pequenos e dos sem condição de se impor. A sociedade querida por Deus é bem outra. A proposição da humildade aponta para um mundo onde a vontade de Deus, de fato, é soberana, e a morte não tem poder algum. Por conseguinte, aspira-se a uma sociedade fraterna, onde Deus se apresenta como Pai e Mãe de todos, sem distinção.

Quiçá, esta projeção social pareça ingênua e sem possibilidade histórica. Porém, a espiritualidade inaciana, nas trilhas do Evangelho, leva a esperar contra toda esperança, na convicção de que, pela ação de homens e mulheres de fé, o projeto de Deus possa ser implantado na história.

Uma coisa é certa: não será inaciano o teólogo desprovido de esperança e, por isso, sem imaginação para pensar um outro mundo possível. Teólogos contentes por produzir belas idéias, ao gosto dos ouvintes, porém, alienadas da realidade e sem preocupação com o querer de Deus para a história jamais farão jus ao adjetivo inaciano.

## ***9. Discernir os espíritos – discernir a história***

Os profetas foram pessoas de percepção muito aguçada em relação aos fatos e acontecimentos da época. Eram capazes de enxergar o que, às outras pessoas, passava despercebido. Tomemos o profeta Amós. Viveu num período de grande prosperidade econômica. Multiplicavam-se as construções luxuosas (Am 3,15; 6,4); o comércio era intenso (Am 8,4-6); as liturgias eram faustosas (Am 4,4-5; 5,21-23). A opulência sócio-política era vista por muitos como sinal de bênção divina. O profeta, porém, pensava de maneira distinta. Tanto bem-estar escondia um sem-número de injustiças, opressão, exploração, falsidade, venalidade, mentira. Era uma sociedade construída sobre bases falsas, com uma liderança inconsciente e inconseqüente.

Discernindo a história a partir do projeto de Deus, Amós pôs-se a proclamar o castigo a despontar no horizonte (Am 2,6-16; 3,12; 4,2-3; 5,27; 6,8-14; 7,11). O chamado “dia do Senhor”, esperado como dia de glória e esplendor, estava fadado a ser “dia de trevas e não de luz” (Am 5,20; 8,9). O profeta deve ter-se transformado numa figura estranha, esdrúxula, uma espécie de “desmancha-prazeres”. Contudo, a história deu-lhe razão! Seu discernimento estava correto, ao captar o mau espírito presente nas ações da classe dirigente do país<sup>31</sup>.

---

<sup>31</sup> Cf. J. VITÓRIO, “‘Os olhos do Senhor estão sobre o reino pecador’ (Am 9,8) – Profetismo e História na pregação de Amós”, *Estudos Bíblicos* n° 71 (2001) 32-41.

Jeremias viu-se diante de uma situação ainda mais dramática. O povo tinha sofrido um primeiro exílio. Em Judá, a situação política deteriorava-se cada vez mais. O rei imposto pelos babilônios (2Rs 24,17) era incompetente para determinar o rumo dos fatos. As facções pró-Egito e pró-Babilônia digladiavam-se na corte. Havia quem predissesse a brevidade do exílio: bem depressa Deus traria o povo de volta da Babilônia, junto com o rei exilado; o reino de Judá seria restaurado (Jr 28,2-4). Era a esperança de um novo êxodo. Jeremias, porém, discernindo a situação, anunciava o contrário. O rei deveria “submeter o pescoço ao jugo do rei da Babilônia” (Jr 27,12-15); caso contrário, os restantes objetos do templo de Jerusalém seriam levados, também, para a Babilônia (Jr 27,16-22); quem ficou na terra estava fadado a ser exilado (Jr 28,14) e deveria contar com um exílio bastante demorado (Jr 29). Ao povo, restava não dar ouvidos “aos profetas, adivinhos, sonhadores, encantadores e mágicos” (Jr 27,9), agentes de engano e desvio dos caminhos de Deus.

Em quem acreditar, pois tanto Jeremias quanto os falsos profetas pretendiam estar falando em nome de Deus? O profeta chega a oferecer um critério de discernimento (Jr 28,5-9). O cumprimento da missão profética exigia do homem de Deus um exercício continuado de discernimento da história. A equivocidade dos fatos desafiava a quem pretendia proclamar uma palavra orientadora de Deus para o povo.

É equivocado pensar o profeta prescindindo de um engajamento ativo na história, em vista do discernimento, por ter recebido de Deus conhecimento privilegiado dos fatos. Não! Só quando ausculta ativamente a história, movido pela fé, torna-se capaz de distinguir as inspirações divinas das inspirações espúrias. E, por conseguinte, está em condições de proclamar a autêntica “Palavra de Javé”.

Os EE são uma escola de discernimento. Quem dá os EE tem como tarefa ajudar o exercitante no processo de descoberta da vontade de Deus, através do caminho do discernimento. Para tanto, Inácio elenca uma série de regras bem precisas (EE 313-336), para ajudar o exercitante a não se enganar na “eleição” (EE 175-189). O discernimento é necessário, dada a ambigüidade da história. Inácio mostra ter consciência dessa ambigüidade na alusão ao “anjo mau” disfarçado em “anjo de luz” (EE 332). Diz-se, na linguagem popular: as aparências enganam! A pregação dos falsos profetas, no tempo de Jeremias, tinha tudo para ser credível: apelava para a vontade divina; fundava-se na tradição teológica do povo; correspondia aos anseios de todos; era carregada de esperança. No entanto, era falsa! O homem de discernimento é capaz de “reconhecer a cauda da serpente” escondida atrás de certos fatos, ao prestar atenção no fim ao qual induzem (EE 334). Aplicado à situação de Amós: se a riqueza acumulada levou à exploração e ao empobrecimento dos mais humildes, com toda certeza não resultou da bênção divina (Am, 2,6; 8,4.6). Só alguém provado no

discernimento é capaz de “guardar-se de costumeiros enganos” do “inimigo da natureza humana” (EE 334).

A história torna-se sempre mais complexa. A espiritualidade brotada dos EE capacita o exercitante para estar em contínuo estado de discernimento, de modo a não se deixar levar pela roda-viva da história<sup>32</sup>. Tal discernimento não se faz em função de teorias e abstrações. Tem por objeto práticas concretas. O “buscar e encontrar a vontade de Deus” (EE 1), finalidade precípua dos EE, diz respeito a um projeto de vida. Somente numa caminhada de discernimento, feita às apalpadelas, torna-se possível vislumbrar um projeto de vida correspondente à vontade de Deus.

A produção de um teólogo de corte profético-inaciano consistirá em discernimento da história à luz da palavra de Deus<sup>33</sup>. Elucubrações teóricas, sem raízes históricas, estarão fora da pauta de reflexão, pois o pensamento gira em torno de questões com incidência no coração da humanidade, constituindo-se em desafio para a vivência da fé e a concretização do projeto de Deus.

Entretanto, o teólogo inaciano não corre o risco de se limitar aos modismos, aos temas do momento, com o temor de ser acusado de *démodé*. O foco da atenção não está centrado nos escritos dos companheiros teólogos, nem nos temas preferidos das revistas de teologia ou dos grandes congressos. E, sim, na vida concreta dos seres humanos, com seus anseios e esperanças, sofrimentos e fracassos, conquistas e projetos. Neste emaranhado, o teólogo discerne a ação dos espíritos, seja o espírito de Deus, na inspiração oferecida aos seres humanos para trilharem os caminhos do amor e da justiça, seja o espírito maligno, sempre a inspirar ações perversas de injustiça e maldade.

A teologia feita como exercício de discernimento dos espíritos tem o efeito de engajar, por inteiro, o teólogo na reflexão. Uma reflexão apenas racional jamais daria conta de captar as implicações dos fatos. Porém, o engajamento sócio-político, prescindindo da reflexão à luz da fé, também seria incompleto. O discernimento da história exige lançar-se de corpo e alma na reflexão, com os desdobramentos práticos de engajamento para a transformação da história, a ser conformada com o projeto divino.

Trata-se, pois, de uma teologia militante, ativa e engajada na história, muito distinta das teologias conceituais, muito eruditas e com larga fundamentação bibliográfica, porém carentes de vida e de substância espiritual. Isto

---

<sup>32</sup> Cf. J.B. LIBANIO, “Critérios inacianos de discernimento a partir da América Latina”, *Magis subsidiis* n° 6 (1999) 37-74.

<sup>33</sup> Chr. THEOBALD refere-se à teologia feita nos moldes inacianos como “discernimento da vida autêntica” (cf. “Une manière ignatienne de faire de la théologie”, *Nouvelle Revue Théologique* 119 (1997) 375-396).

porque o discernimento não se faz como exercício teórico asséptico, mas como discernimento de fatos nos quais se está implicado<sup>34</sup>.

O discernimento da história exige do teólogo posicionar-se com liberdade no confronto com as ideologias e as instituições, mesmo as instituições religiosas às quais pertence. O bom e o mau espírito agem sem distinção, desconhecendo barreiras e limites. Instituições ditas cristãs podem, em determinadas circunstâncias, agir na contramão do projeto de Deus ao se deixarem levar pelas forças do anti-Reino. Por outro lado, instituições críticas do cristianismo e das Igrejas cristãs podem tocar-lhes pontos nevrálgicos, onde a infidelidade e o contra-testemunho preponderam. O discernimento da história, feito com isenção, detectará na linguagem crítica dos considerados adversários traços da voz divina conclamando para a conversão e a fidelidade.

A pertença a determinada Igreja cristã não pode, *a priori*, ser considerada um *handicap* para a liberdade do teólogo ansioso de assumir uma postura profética, movida pelo Espírito de Deus, nem lhe diminuir a capacidade de discernimento. A pertença a instituições históricas é inevitável. Exigir romper com elas, como meio de garantir a liberdade do teólogo, é impertinente. Contudo, o grande desafio consiste em manter o rumo do discernimento, sem se deixar influenciar por pressões das pertenças históricas, no sentido de mantê-las fora do foco do discernimento crítico, como se fossem inquestionáveis. Antes, o questionamento começará pelos mais próximos, sinal do anseio de ver a fidelidade a Deus acontecendo no âmbito da convivência do teólogo. Seria inconveniente postular a fidelidade para os outros, porém, fechando os olhos para os de casa.

## 10. Um modo profético-espiritual de fazer teologia

A espiritualidade profética somada à espiritualidade inaciana aponta para uma maneira peculiar de fazer teologia, com exigências concretas interpostas ao teólogo. Quiçá sejam exigências com as quais qualquer teólogo se depare. Porém, no caso preciso, brotam de uma espiritualidade determinada e de uma leitura peculiar da tradição profético-bíblica. Os elementos desta dinâmica podem ser, assim, descritos:

a) *O centramento em Deus como ponto de partida.* A teologia flui de uma experiência fontal do teólogo na vivência da relação com o Deus revelado

---

<sup>34</sup> Os relatos evangélicos de cura de endemoninhados reportam a ação continuada de discernimento dos espíritos, levada a cabo por Jesus (cf. Mt 8,28-34; Mc 5,1-20; Lc 8,26-39). Era capaz de perceber o bom e o mau espírito agindo no coração das pessoas. O relato da oferta da viúva mostra como distinguiu bem o que se passava no coração da pobre mulher e no dos ricos, com as vultosas quantias colocadas no cofre do templo (cf. Lc 21,1-4).

por Jesus, enquanto amor misericordioso e pai das misericórdias. Encontram-se, aí, os referenciais de sua existência, mas, também, de sua reflexão. Em outras palavras, o não centramento em Deus inviabilizaria qualquer projeto de reflexão teológica.

b) *A realidade contemplada com os olhos de Deus.* O centramento em Deus propicia ao teólogo o *locus* adequado para considerar a realidade a ser refletida e ponderada. O teólogo como que, olha para a realidade como Deus o faz. É como se Deus considerasse a realidade servindo-se do teólogo. Daí a grande responsabilidade pelos ensinamentos e pelos escritos, produtos da atividade teológica.

c) *A liberdade diante das criaturas como garantia de fidelidade aos apelos divinos.* Ao longo da história do povo de Israel e do povo cristão foram freqüentes as cooptações dos “homens de Deus” pelo sistema, tanto religioso quanto político. Um dos grandes desafios enfrentados pelo teólogo será o de manter-se livre de pressões, sejam quais forem, até das instituições ditas cristãs. Importa-lhe, sempre e em tudo, conservar a fidelidade a Deus, embora devendo assumir posições críticas.

d) *O povo de Deus e seus anseios estão sempre presentes no horizonte.* O teólogo tem consciência de estar a serviço de Deus e seu projeto. Todavia, este dado fundamental é pensado num contexto humano bem concreto, onde está a humanidade amada por Deus e salva por ele. Esta consciência permite ao teólogo sentir-se ligado a pessoas bem determinadas, sem o perigo de contentar-se com reflexões deletérias, sem incidência existencial.

e) *Uma visão omninclusiva da realidade possibilita julgá-la a partir do Projeto de Deus.* A visão do teólogo abarca o conjunto da realidade, sem se contentar com perspectivas parciais, facciosas ou tendenciosas. Nenhum tema referente à humanidade está excluído do interesse do teólogo. Antes, seu olhar aguçado é bastante perspicaz para captar detalhes imperceptíveis a olhares desatentos.

f) *A consciência de ser chamado para o serviço de Deus.* O teólogo profético-inaciano reconhece-se convocado para a tarefa de fazer teologia, fruto da experiência mística na qual está envolvido. Recusa-se a se identificar como mero professor de teologia, pesquisador de ciências teológicas ou assessor teológico. Poderá acontecer o caso de não ser nada disto. Sua identidade constrói-se alhures.

g) *A referência ao pecado faz-se na perspectiva da esperança de conversão.* O tema do pecado e o da infidelidade estão sempre presentes na reflexão teológica. Também estarão no horizonte das preocupações do teólogo profeta e inaciano. Entretanto, com o viés particular da positividade e da esperança de conversão. A teologia, neste caso, far-se-á sob o signo do otimismo e da positividade, próprios de quem está centrado em Deus.

h) *A preocupação com os pobres cria sintonia com o agir divino.* A tradição bíblico-cristã reporta-se à preocupação divina com os pobres e marginalizados. O enraizamento em Deus cria no coração do teólogo idêntica preocupação com os pobres. Daí a capacidade peculiar de perceber-lhes os sofrimentos, mas também a origem da opressão e seus agentes. Teologia sem sensibilidade com os pobres jamais será profética ou inaciana.

i) *Existe um projeto divino para a humanidade a ser implementado.* O teólogo pensa a história com parâmetros concretos: o desígnio divino para a humanidade. Não se trata, é óbvio, de um plano de ação bem detalhado, mas grandes linhas de sentido a serem implementadas nas relações interpessoais. O teólogo, por exemplo, tem nítida consciência do quanto Deus anseia por um mundo onde os pobres sejam respeitados na sua dignidade de filhos e filhas de Deus.

j) *A teologia faz-se como discernimento espiritual da história.* A teologia faz-se como hermenêutica espiritual da história, para além da simples hermenêutica de textos da Tradição. O teólogo, é verdade, sabe-se ligado a uma longa caminhada de reflexão da experiência humana vista na perspectiva de Deus. Todavia, por ter assimilado em profundidade a Tradição na sua versão mais lídima, está em condições de perceber a ação dos espíritos no coração da humanidade e indicar por onde passam os desígnios de Deus.

**Jaldemir Vitório SJ**, Mestre em Exegese Bíblica (1986) pelo Pontifício Instituto Bíblico (Roma) e Doutor em Teologia (1996) pela Pontifícia Universidade Católica (Rio de Janeiro), é professor de Sagrada Escritura na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), em Belo Horizonte. Pertence à Comissão Teológica da Conferência dos Provinciais Jesuítas da América Latina e é assessor teológico da Comissão Pastoral de Direitos Humanos da Arquidiocese de Belo Horizonte. Além de publicações na área de estudos bíblicos, publicou vários artigos sobre a vida religiosa.

**Endereço:** Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127 – Planalto  
31.720-300 Belo Horizonte – MG  
e-mail: jvitoriosj@faculdadesjesuita.edu.br